

# IDENTIFICAÇÃO DATILOSCÓPICA EM CADÁVER CARBONIZADO

## FINGERPRINT IDENTIFICATION IN A CARBONIZED CORPSE

**Aldeir José da Silva**

Instituto Médico Legal André Roquette, Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

**Luciana Fulgêncio Guedes de Brito**

Núcleo de Identificação, Delegacia Regional Executiva, Polícia Federal, Belo Horizonte, MG, Brasil

**Leonardo Santos Bordoni\***

Instituto Médico Legal André Roquette, Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil



Corpos carbonizados (CC) podem apresentar grande dificuldade técnica para sua identificação<sup>1</sup>. Mas é comum que apresentem graus variados de destruição tecidual pela ação térmica<sup>1,2</sup>. Frequentemente ocorre assimetria nas lesões observadas nas mãos dos CC, pois há uma tendência à flexão dos dedos pela retração da musculatura flexora, que é mais volumosa que a extensora<sup>3</sup>. Pode ocorrer, então, uma proteção em grau variável da polpa digital devido à posição fletida em direção à região palmar (“punho de pugilista”)<sup>3</sup>, o que pode ser observado na mão esquerda evidenciada na figura 1. O polegar esquerdo dessa mão era o dedo que apresentava melhor preservação morfológica da epiderme. Assim, essa camada foi removida e imersa em solução de água com detergente neutro e ácido acético a 4% por, aproximadamente, 60 minutos para hidratação. Em seguida, foi higienizada mecanicamente por meio de limpeza e secagem (figura 2), e submetida ao entintamento da face interna da epiderme (figura 3) que permitiu a obtenção da impressão digital e posterior identificação pelo confronto papiloscópico. Ainda que em alguns casos de CC seja necessária a utilização de outros métodos de identificação, como as comparações odontológica, antropológica, ou mesmo a genética, o estudo papiloscópico deve ser a primeira opção, pois apresenta melhor relação de custo-benefício e maior rapidez diante das demais técnicas<sup>1,2</sup>.

### REFERÊNCIAS

1. Silva AJ, Santos FC, Castro MM, Bordoni PHC, Bordoni LS. Identificação papiloscópica em cadáveres carbonizados – considerações médico legais e a importância da integração pericial. BJFS. 2018; 7(3):205-222.
2. Spitz WU. Thermal injuries. In: Spitz WU (Ed.). Spitz and Fisher's medicolegal investigation of death – guidelines for the application of pathology to crime investigation. 4. ed. Springfield: Charles C. Thomas; 2006. p. 747-782.
3. Symes SA, L'abbé EN, Pokines JT, Yuzwa T, Messer D, Stromquist A et al. Thermal alteration to bone. In: Pokines JT, Symes SA (Eds.). Manual of forensic taphonomy. Boca Raton: CRC Press; 2014. p. 367-402.

\* leonardosantobordoni@gmail.com